

DO IMÓVEL À PLATAFORMA DIGITAL O PATRIMÓNIO AZULEJAR DO CENTRO HOSPITALAR DE LISBOA CENTRAL

Rosário Salema de Carvalho

*Doutorada, Az – Rede de Investigação em Azulejo / ARTIS – Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
rscarvalho@fl.ul.pt*

Alexandre Pais

*Doutorado, Museu Nacional do Azulejo, Lisboa, Portugal
apais@mnazulejo.dgpc.pt*

Ana Almeida

*Doutoranda, Az – Rede de Investigação em Azulejo / ARTIS – Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
anaalmeida@fl.ul.pt*

Inês Aguiar

*Mestranda, Az – Rede de Investigação em Azulejo / ARTIS – Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
inesaguiar@campus.ul.pt*

Lúcia Marinho

*Doutoranda, Az – Rede de Investigação em Azulejo / ARTIS – Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
luciamarinho@fl.ul.pt*

RESUMO

O presente texto tem como objectivo dar a conhecer o projecto de inventário e estudo do património azulejar integrado do Centro Hospitalar de Lisboa Central, desenvolvido pela Az - Rede de Investigação em Azulejo (ARTIS-IHA/FLUL). Os resultados desta inventariação sistemática encontram-se disponibilizados na plataforma *Az Infinitum* – Sistema de Referência e Indexação de Azulejo, um instrumento privilegiado de investigação e cruzamento de dados, que propicia uma relação mais estreita entre património, conhecimento científico e comunidade.

PALAVRAS-CHAVE

Azulejo | Sistema de Informação | Inventário | Novas Tecnologias | Proveniências

ABSTRACT

The objective of this paper is to present the project of inventory and study of the tile heritage integrated in the Centro Hospitalar de Lisboa Central, developed by Az – Azulejo Research Network (Rede de Investigação em Azulejo – ARTIS-IHA/FLUL). The results of this systematic inventory are available on *Az Infinitum* – Azulejo Indexation and Referencing System, a privileged research and cross-checking instrument, which provides a closer relationship between heritage, scientific knowledge and the community.

KEYWORDS

Azulejo (tile) | Information System | Inventory | New Technologies | Provenances

INTRODUÇÃO

A história do azulejo em Portugal mostra que qualquer revestimento azulejar foi sempre concebido para um determinado espaço, articulando-se com a arquitectura, mas também com outras manifestações artísticas aí presentes. Esta ideia de integração das artes, que pode ser explorada nas suas múltiplas vertentes, destaca-se como um dos factores diferenciadores da utilização do azulejo no nosso país e nas suas áreas de influência, em particular no Brasil.

Mas a história do azulejo mostra, também, que nem sempre foi possível preservar *in situ* muitos destes revestimentos azulejares. Acontecimentos de cariz político, religioso, cultural e até mesmo consequências de fenómenos naturais, estiveram, entre outros factores, na origem da desagregação de parte do património azulejar nacional. Entre estes destaca-se, no âmbito do presente colóquio, a Extinção das Ordens Religiosas.

A promulgação do decreto de 30 de Maio de 1834, assinado por D. Pedro IV, implicou a extinção de todos os conventos, mosteiros, colégios, hospícios e quaisquer casas de religiosos das ordens regulares. Os seus bens foram incorporados nos Próprios da Fazenda Nacional, com excepção dos vasos sagrados e paramentos, a ser distribuídos pelas igrejas mais necessitadas das dioceses (*Collecção de Decretos* [...] 1840). Muitos destes imóveis conheceram então, ou somente após a morte da última freira, no caso dos conventos femininos, profundas alterações da sua função, sendo objecto de intervenções de adaptação à nova realidade.

O caso dos hospitais que integram o Centro Hospitalar de Lisboa Central¹ é sintomático da reutilização de edifícios religiosos por parte do Estado, uma vez

que, dos seis hospitais que o constituem, quatro eram antigos colégios e conventos². A estes acrescem ainda outros dois hospitais, sedeados em conventos, mas que entretanto foram encerrados (Desterro³ e Arroios⁴).

Muito do património existente nestes espaços conventuais dispersou-se ou desapareceu. O azulejo, enquanto património integrado, quer em termos de conceito quer em termos de aplicação efectiva nos edifícios, acabou por permanecer como testemunho e memória das vivências religiosas anteriores. Todavia, a par dos revestimentos que se conservam nos seus locais originais, outros há que foram reaplicados ou trazidos de lugares distintos, sem documentação que permita, hoje, reconstituir o seu percurso.

O presente texto tem como objectivo dar a conhecer o projecto de inventário e estudo do património azulejar integrado do CHLC, desenvolvido pela Rede Temática em Estudos de Azulejaria e Cerâmica João Miguel dos Santos Simões (ARTIS-IHA/FLUL), que decorreu entre 2009 e 2011 nos hospitais de São José, Santa Marta, Santo António dos Capuchos e Curry Cabral. Após a inventariação sistemática, foram efectuados estudos de cariz multidisciplinar [1, 2, 3, 4], alguns dos quais ainda estão em curso, cujos resultados podem ser consultados online no *Az Infinitum – Sistema de Referência e Indexação de Azulejo* [<http://redeazulejo.fl.ul.pt/pesquisa-az>]. A sistematização do conhecimento que esta plataforma propõe permite potenciar a investigação sobre o azulejo produzido e /ou aplicado em Portugal e, de um ponto de vista mais específico, potenciar os estudos sobre o património azulejar dos hospitais, antigos colégios e conventos, divulgando-o também a um público mais vasto.

1. O Centro Hospitalar de Lisboa Central, E.P.E., resulta da união do Centro Hospitalar de Lisboa (Zona Central), que incluía os Hospitais de São José e de Santo António dos Capuchos, com os Hospitais de Santa Marta, E.P.E. e de D. Estefânia. Encontra-se definido no Decreto-lei 50-A/ 2007, com data de 28 de Fevereiro de 2007. Mais recentemente foi integrado o Hospital de Curry Cabral, E.P.E. e a Maternidade Dr. Alfredo da Costa – SPA.
2. Note-se que, como veremos, a reconversão do Hospital de São José é anterior, remontando à expulsão dos jesuítas, em 1759. O então Hospital Real de São José, sucessor do Hospital Real de Todos os Santos, foi instalado no antigo Colégio de Santo Antão-o-Novo em 1769, sendo administrado pela Misericórdia de Lisboa.
3. Anexado ao Hospital Real de São José em 1857.
4. Antiga Casa do Noviciado da Companhia de Jesus, encerrada aquando a expulsão dos jesuítas e que então passou a acolher as freiras Concepcionistas franciscanas, de Carnide, cujo convento ficara destruído no Terramoto de 1755. Foi anexado ao Hospital Real de São José em 1892, após a morte da última freira.



Fig.1 · Logotipo do Az Infinitum – Sistema de Referência e Indexação de Azulejo com azulejos do padrão P-17-00462, aplicados no Hospital de Santa Marta.

A situação actual destes imóveis, que serão novamente refuncionalizados aquando da construção do novo Hospital de Todos-os-Santos, torna mais premente a

existência de um inventário e a divulgação deste imenso e valioso património, com vista à sua preservação: só se protege o que se conhece! [fig. 1]

DE CASAS RELIGIOSAS A HOSPITAIS. O PERCURSO DO AZULEJO

No contexto do CHLC apenas os hospitais de São José, Santa Marta e Capuchos apresentam um património azulejar significativo, ainda remanescente da sua memória enquanto espaços conventuais (ALMASQUÉ, VELOSO 1996), (SIMÕES 1979: 205-207).

Assim, concentramos a nossa atenção nestes edifícios cujos revestimentos são bem representativos da história do azulejo em Portugal, permitindo traçar um percurso que tem início nos exemplares de padrão do século XVII (não existem azulejos hispano-mouriscos, uma vez que a construção destas estruturas remonta ao último quartel do século XVI), prossegue através da azulejaria figurativa a azul e branco nas suas várias fases – período de transição (1675-1700), *Ciclo dos Mestres* (1700-1725) e *Grande Produção Joanina* (1725-1750) – e continua em painéis rococó policromos, neoclássicos, Arte Nova, novamente de padrão, até chegar à contemporaneidade.

Como facilmente se percebe, este imenso património tem uma origem conventual, mas a história dos edifícios é também a história das instituições que aqui estiveram instaladas ao longo dos tempos, após a extinção das Ordens Religiosas (ou, em alguns casos, a anterior expulsão dos jesuítas). O azulejo, sendo um património integrado, mas com alguma mobilidade, reflecte, de

certa forma, as várias adaptações a que os imóveis foram sujeitos.

Observando os revestimentos mais antigos, contemporâneos da utilização dos edifícios como colégio ou conventos, percebe-se que cada um foi estruturado em função de um programa iconográfico, possivelmente relacionado com a funcionalidade original dos espaços. Todavia, estes revestimentos foram sendo objecto de alterações, cuja extensão temos dificuldade em reconhecer, e diferentes espaços receberam novos azulejos, transferidos de outros locais ou resultantes de novas encomendas. Muitos deles testemunham, de forma directa, o envolvimento de “novas” instituições à frente dos destinos destes imóveis. Veja-se o caso, no Hospital de São José, dos painéis representando *Nossa Senhora da Misericórdia* e o episódio da *Visitação*, aplicados na designada Escada do antigo refeitório já depois da expulsão dos jesuítas (1759) e da instalação do Hospital Real de São José (1775). A presença neste espaço de uma iconografia tão específica encontra justificação no facto da Misericórdia de Lisboa ter sido administradora do Hospital até 1851. Desconhece-se, no entanto, a origem dos painéis, certamente trazidos de outro lugar e aqui aplicados para assinalar visualmente a presença dos irmãos da Misericórdia, num espaço que seria, à época, de forte impacto.

A própria cozinha deste Hospital é bem reveladora da passagem do tempo, com um brasão policromo com a representação do escudo real e a data de 1852 inscrita numa cartela.

Como exemplo de revestimento de leitura complexa, e que indicia alterações em relação ao que poderia ter sido o programa original, destaca-se a antiga Casa do Capítulo do Convento de Santa Marta. Os azulejos, datáveis da *Grande Produção Joanina* (1725-1750), revestem integralmente as paredes desta sala, distribuindo-se em diferentes níveis de leitura que representam episódios dos *Pia Desideria* (MONTEIRO 1995-1999: 61-70), cenas da vida de Santa Clara, de São Francisco e de Santa Teresa de Jesus, complementados por azulejos de figura avulsa. A articulação entre os vários episódios e temáticas (demasiado compartimentados em níveis distintos de leitura, com pouca relação entre si), a par das características pictóricas de cada um, e ainda dos anjos que ladeiam a porta de acesso ao claustro, suscitam algum debate na interpretação do programa iconográfico. A presença de Santa Clara e de São Francisco justifica-se pela regra seguida neste convento franciscano, de Claristas da Segunda Regra (Urbanistas). Sobre a presença de Santa Teresa de Jesus, Fernando Ponce de León, responsável pela identificação das gravuras, explica a presença da santa carmelita devido ao culto teresiano que existiu neste convento, atestado pela realização deste revestimento, mas também pela existência de obras em pintura retratando Santa Teresa, e pela devoção que algumas das abadessas tiveram a esta Santa, por exemplo, madre Teresa de Jesus e madre Dionizia de Santa Teresa (LÉON 1993: 161-181).

Identificam-se, ainda, vários exemplos de património azulejar deslocado e reaplicado, mas cuja proveniência se desconhece. No interior do túnel do Carro, no Hospital de São José, foi aplicado um painel seiscentista representando Cristo crucificado entre Santo Inácio e um santo não identificado, assim como outro painel, azul e branco, com a figura de São João Baptista, atribuído ao pintor espanhol Gabriel del Barco (1648 - <1700) (SIMÕES 1979: 205-207). Também atribuído a este pintor, e igualmente de origem desconhecida, é a Adoração dos Pastores, painel emoldurado e colocado na área da actual biblioteca. Barros Veloso e Isabel Almasqué (ALMASQUÉ, VELOSO 1996) referem que poderia integrar o conjunto de Santa Marta, e ter sido transferido para aqui em data

incerta. Na verdade, conserva-se naquele hospital a memória de uma campanha de pintura a azul e branco, do final de Seiscentos, através dos dois painéis alusivos a Santa Marta, aplicados na antiga Portaria, cuja origem se desconhece, mas que têm vindo a ser atribuídos a Gabriel del Barco (ALMASQUÉ, VELOSO 1996), (SIMÕES 1979: 205-207), (MONTEIRO 1995-1999: 61-70), (MECO 1979: 58-67, 1981: 41-50, 1989: 66-69).

No recanto do claustro observa-se um frontal de altar e um painel alusivo a Santo António Pobre que, tal como um altar dedicado a Nossa Senhora da Salvação, Santa Clara e Santa Isabel de Portugal, resulta da composição de conjuntos de azulejos de várias proveniências e épocas. O mesmo acontece em relação aos azulejos de figura avulsa aplicados, por exemplo, na designada Sala dos Passarinhos em 1970 e oriundos de um corredor ou túnel (ALMASQUÉ, VELOSO 1996).

Por sua vez, os painéis hoje aplicados na escadaria de acesso ao piso superior do claustro são originários de outro local e a sua temática indica que poderiam não pertencer ao convento. Sobre estes existe alguma documentação, que nos permite avançar com a possibilidade de haver outros painéis do mesmo conjunto na colecção do Museu Nacional do Azulejo. Entre 1963 e 1964 há registos de ofícios entre técnicos da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, que se deslocaram a Santa Marta por causa de obras que aí deveriam ser efectuadas, chamando a atenção para os painéis existentes na escada de serviço n.º 1, entre os quais a representação de uma alegoria à Flora «[...] nas suas distintas representações nas diferentes estações do ano», e outros espalhados na referida escadaria, com uma alegoria à Primavera, uma cena de caça e São Miguel Arcanjo, este último referido como certamente não pertencendo ao conjunto (I.H.R.U., PT DGEMN: DSID-001/011-1435/2. Txt. 00482946 a Txt. 00482948). [fig.2, fig.3]

Para além de reconhecer o valor dos azulejos, os técnicos da DGEMN defendem que os mesmos deveriam ser recolhidos e aplicados no Museu do Azulejo (enriquecendo a colecção, que não tinha peças representativas deste período), o que parece ter ocorrido em Junho de 1964, de acordo com o ofício de 9 de Dezembro de 1965, que refere os trabalhos de levantamento e entrega no Museu, supervisionados por Santos Simões (I.H.R.U., PT DGEMN: DSID-



Fig. 2 · Lisboa, Hospital de Santa Marta, escadaria. Painel de azulejos representando a Primavera (fot. Az Infinitum – Sistema de Referência e Indexação de Azulejo).



Fig. 3 · Painel de azulejos “Alegoria à Flora”, aplicado num dos espaços do Museu Nacional do Azulejo (fot. MNAz).

001/011-1435/2. Txt. 00482960 e Txt. 0048296) Todavia, com excepção do painel designado como “Alegoria à Flora”, por sinal o mais elogiado na documentação, os restantes permanecem no Hospital. Ao tentar identificar no MNAz um painel com as características descritas localizámos, com o n.º de inventário 734, um exemplar incorrectamente designado como “as quatro estações”, no qual a imagem da Flora, aparentemente mais recente que o resto do conjunto, se encontra ao centro, estando o Verão, o Outono e o Inverno na área superior, inscritos em cartelas. Actualmente encontra-se em reserva, mas a ficha de inventário manual inclui uma fotografia a preto e branco que mostra o painel aplicado num dos espaços do Museu, pois as talhas visíveis em primeiro plano integram a colecção desta instituição.

Relacionados com este painel encontram-se outros dois (inv. 735 e 736), de menores dimensões, representando uma paisagem com uma figura masculina adormecida e uma figura feminina ao ar livre. Todos eles apresentam molduras idênticas aos exemplares que se conservam em Santa Marta, mas a proveniência e incorporação no MNAz é desconhecida. Trata-se, seguramente, do conjunto assinalado na documentação, pois não só estilisticamente é semelhante como, do ponto de vista iconográfico, se relaciona perfeitamente com aquele que ainda se encontra em Santa Marta. Foi a articulação entre o trabalho de inventário, a sistematização efectuada através do *Az Infinitum*, a investigação subsequente, a par do cruzamento com outras fontes de informação, que contribuiu de forma decisiva para a identificação desta proveniência.

E À PLATAFORMA DIGITAL

A tentativa de reconstituição da memória histórica de tão vasto património azulejar, com as conclusões, mas também com as lacunas que lhe são inerentes, decorre sempre da recolha e tratamento de um vasto conjunto de informações – técnicas, documentais, visuais, etc. Sendo a investigação feita da revisitação ao trabalho efectuado até ao presente, mas também do acréscimo permanente de novos dados, torna-se essencial uma ferramenta que, em tempo útil, dê resposta a esta dinâmica. A ideia de que a solução para a recolha e tratamento de grandes fluxos de informação, no âmbito do património artístico e cultural, poderia residir em sistemas informatizados, foi sugerida e debatida já em 1968, numa conferência lançada pelo Metropolitan Museum of Art e patrocinada pela IBM denominada *Computers and Their Potential Application in Museums*. Todavia, ainda 2013, na publicação online do Getty – The Getty Iris – foi aberta a discussão sobre o impacto da fraca implementação das novas tecnologias no âmbito da História da Arte, sugerindo-se que este paradigma deveria ser repensado a bem do estudo, da investigação, da valorização e divulgação da produção artística⁵. No contexto específico da azulejaria

portuguesa, mas como resposta a estes mesmos desafios e necessidades, foi criado o *Az Infinitum – Sistema de Referência e Indexação de Azulejo* [<http://redeazulejo.fl.ul.pt/pesquisa-az>], lançado online em 2012, impondo-se simultaneamente como ferramenta dinâmica de investigação e núcleo agregador dos vários projectos científicos da Rede Temática em Estudos de Azulejaria com instituições parceiras, nomeadamente com o MNAz.

Este sistema articula-se através de cinco grandes áreas – (1) *in situ*; (2) iconografia; (3) padrões; (4) autorias, (5) bibliografia – todas acessíveis *online* e ligadas entre si. Esta intercomunicabilidade permite o acesso a toda a informação disponível referente a determinado revestimento azulejar, independentemente da área de pesquisa escolhida pelo visitante, promovendo, assim, uma visão global e integrada do azulejo português.

Dos vários projectos (em curso ou já concluídos) destaca-se o *Inventário do património azulejar do Centro Hospitalar de Lisboa Central* que, por ter sido um dos

5. Destacam-se as intervenções de Murtha Baca [Em linha]. Disponíveis em <<http://blogs.getty.edu/iris/getty-voices-rethinking-art-history/>>. Consulta a 04 Março 2013; <http://blogs.getty.edu/iris/which-way-digital_humanities/>. Consulta a 21 Março 2013; e de Nuria Rodríguez Ortega [Em linha]. Disponível em <<http://blogs.getty.edu/iris/getty-voices-rethinking-art-history/>>. Consulta a 05 Março 2013.

primeiros ensaios e pelo fluxo de informação envolvido, foi incontornável na definição da arquitetura do *Az Infinitum*. A referir igualmente o projecto *Catálogo de padrões da azulejaria portuguesa* (PAIS *et al.* 2011: 16-19) que, tendo incidido primeiramente sobre a azulejaria de padrão do séc. XVII, encontrou no Hospital de Santa Marta um caso privilegiado de diversidade de padrões daquela centúria, tornando-se um caso de estudo (CARVALHO 2012: 49-59) e promovendo o lançamento de um módulo específico dedicado à azulejaria de padrão dentro do sistema.

Importa ainda referir que a fotografia tem um papel fundamental neste âmbito. Primeiramente, e numa função mais convencional, complementa a informação textual, através de imagens que mostram os azulejos aplicado *in situ*, revelando o seu estado de conservação à data da inventariação, pormenores de aplicação, a maneira como se articulam com a área em que estão inseridos, etc. Mas na área padrões a fotografia, pelo seu desenvolvimento tecnológico, permite a construção de imagens digitais de azulejos de padrão. Estas imagens ilustram individualmente padrões, frisos, cercaduras e barras nos seus elementos – centros e elementos de ligação – mas também simulam a sua aplicação numa área mais vasta, realçando ritmos e formas visuais que normalmente só podem ser percebidos a partir de montagens mais extensas. Pretende-se ainda que, de futuro, a função documental da fotografia seja reforçada através da construção de um arquivo de fotografias antigas sendo possível, desta maneira, traçar, de modo mais abrangente, a existência dos revestimentos azulejares ao longo dos anos. Tal poderá permitir, por exemplo, detectar mudanças no estado de conservação, alterações na aplicação ou perceber se houve recolocação do revestimento, como aconteceu com o painel da “Alegoria à Flora” que a fotografia do MNAz documenta. Em última análise, no caso de furto ou de destruição do conjunto, o arquivo terá a função de transmitir, ao presente e ao futuro, a memória documental dessa existência, não deixando de auxiliar o avanço do conhecimento científico. A divulgação deste património passa pelo carregamento de dados, pelo seu tratamento e pela sua disponibilização online, mas não se esgota nesta perspectiva orientada para a investigação (que tem ainda expressão nos vários artigos publicados em revistas indexadas). Interessa que, a partir da sistematização dos dados e da sua correcta arrumação, estes possam ser utilizados para outros fins de cariz

mais divulgativo e capazes de chegar a um universo não académico. Como exemplo do género de acção que é possível desenvolver, veja-se a *Cronologia do azulejo português*, de formato interativo e pedagógico, onde os visitantes podem ter acesso a textos que procuram salientar os aspectos importantes de cada período, acompanhados por fotografias de imóveis que ilustram esses mesmos aspectos. Entre estes, e porque a *Cronologia* se articula com os dados do sistema, encontram-se imagens do Hospital de São José. Pretende-se que esta relação entre informação útil e sintética e imagens seleccionadas, actue como um estímulo junto do público, tanto no sentido da pesquisa por mais informação, como da visita aos locais referenciados. Nos últimos anos tem-se verificado a delimitação de percursos e de rotas como elo de ligação entre público e património, e a azulejaria não foge à regra. Pretende-se que, futuramente, esta seja também uma área de actuação do *Az Infinitum* e que, tirando partido das suas potencialidades de abarcar a história da azulejaria portuguesa, seja possível, por exemplo, criar uma rota do património azulejar destes hospitais.

O debate de ideias é fulcral no avanço do conhecimento científico. Neste sentido, a Rede de Investigação em Azulejo decidiu criar, em 2014, apresentações mensais de temas relacionados com a azulejaria, que passam pelo colecionismo, museologia, investigação, produção artística, preservação, etc. Estas sessões abertas, que contarão com convidados específicos para cada tema, aspiram ao confronto de ideias entre investigadores e o público em geral, tendo como plataforma um blogue, onde serão publicados textos com contributos que complementem as sessões, lançando ideias e perspectivas para o enriquecimento da discussão dos temas. E finalmente as redes sociais. Estas, pela amplitude de público a que conseguem fazer chegar informação, são mais uma ferramenta que a história da arte tem ao seu serviço, revelando-se muito eficaz quando aplicada com critérios pré-definidos. Seguindo esta ideia, foi criada uma página no facebook específica do *Az Infinitum*, tendo em vista chegar a um público mais abrangente, de modo a que este possa ser informado das actividades do sistema. A estratégia passa por remeter os visitantes para o *Az Infinitum*, tentando suscitar a sua curiosidade numa perspectiva comunicativa mas também pedagógica, aspirando a que a comunidade conheça melhor esta expressão identitária portuguesa e assim se sinta impelida a contribuir para a sua preservação.

CONCLUSÃO

Actualmente é desejável e possível recorrer a diversas frentes de actuação para uma eficaz divulgação do património e, sem dúvida, uma importante parte desta estratégia reside na utilização das novas tecnologias. Contudo, num mundo globalizado, onde a oferta e a divulgação são massivas, a eficácia destes meios depende de um trabalho de fundo exaustivo e criterioso, logo desde a sua concepção. Ou seja, é essencial uma boa análise do património em causa, deixando que o objecto de estudo tenha um papel activo na definição das metodologias e na arquitectura dos meios. A especificidade do *Inventário do património azulejar do Centro Hospitalar de Lisboa Central*, que contempla um amplo conjunto de revestimentos representativos de quatro séculos de produção azulejar, mas também um núcleo de imóveis que, por vicissitudes históricas, viram as suas funções e os seus espaços redefinidos, apresentou condições ideais para a definição inicial de metodologias de inventário e do *Az Infinitum*. Na decorrência desta

sinergia entre sistematização de informação e a investigação subsequente foi possível, como vimos, identificar algum património azulejar deslocado, traçando mesmo, para três painéis, a história das suas transferências. Apesar do esforço efectuado, muito há ainda para estudar, por exemplo, no que diz respeito ao património deslocado hoje existente no Hospital de Santo António dos Capuchos. O projecto que temos vindo a descrever é, portanto, um projecto em aberto, constituindo esta fase de inventário e disponibilização de informação uma base para futuras investigações. É aqui, precisamente, que surge o fundamento da aplicação de sistemas de indexação como o *Az Infinitum*, ferramentas essenciais na investigação, na medida que auxiliam o investigador potenciando o seu trabalho. Estes, articulados com as redes sociais são veículos privilegiados de disseminação de conhecimentos, propiciando uma relação mais estreita entre património, conhecimento científico e comunidade.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMASQUÉ, Isabel & VELOSO António José Barros – *Hospitais Cívicos de Lisboa: história e azulejos*. Lisboa: INAPA, 1966.

CARVALHO, R.; PAIS, A.; ALMEIDA, A.; AGUIAR, I.; PIRES, I.; MARINHO, L. & NÓBREGA, P. (2012) – “17th century patterned azulejos from the Monastery of Santa Marta, in Lisbon”. *CITAR Journal Of Science And Technology Of The Arts*, vol. 4, n.º 1 (2012) 49-59. Disponível em doi:10.7559/citarj.v4i1.66

CARVALHO, Rosário Salema de; GUESSNER, Samuel; TIRAPICOS, Luís – «Astronomy and the “azulejos” of Portuguese Jesuit colleges». *Congresso da Sociedade Europeia para a Astronomia na Cultura* (SEAC 2011). Universidade de Évora [no prelo].

CARVALHO, Rosário Salema de; CARVALHO, Luís Mendonça de; COSTA, Ana Maria – “A fauna e a flora nos azulejos do antigo Colégio de Santo Antão. Um exemplo de aprofundamento de inventário”. *Actas do Congresso Internacional A Herança de Santos Simões – Novas perspectivas para o estudo da azulejaria e da cerâmica*. Lisboa: Reitoria da Universidade de Lisboa, 2010 [no prelo].

Collecção de Decretos e Regulamentos mandados publicar por sua Magestade Imperial desde a sua entrada em Lisboa até à instalação das Câmaras Legislativas. Terceira série. Lisboa: Imprensa Nacional, 1840.

Instituto da Habitação e da reabilitação Urbana (I.H.R.U.), PT DGEMN: DSID-001/011-1435/2. Txt. 00482946 a Txt. 00482948.

I.H.R.U., PT DGEMN: DSID-001/011-1435/2. Txt. 00482960 e Txt. 00482961.

LÉON, Fernando Ponce de – “Os painéis de azulejo sobre Santa Teresa de Jesus no Convento de Santa Marta de Lisboa”. *Museu*. Porto. IV série, 1 (1993), 161-181.

MECO, José – “Azulejos de Gabriel del Barco na região de Lisboa: período inicial, até cerca de 1691 – Pintura de tectos”. *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*. Assembleia Distrital de Lisboa. III série, 85 (1979), 69-124.

____ – “O pintor de azulejos Gabriel del Barco”. *História e Sociedade*, 6 (Dezembro de 1979) 58-67 e n.º 7 (Maio de 1981) 41-50.

____ – “Gabriel del Barco”. *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença. p. 66-69.

MONTEIRO, João Pedro – «Os “Pia Desideria”, uma fonte iconográfica da Azulejaria Portuguesa do século XVIII». *Azulejo*. Museu Nacional do Azulejo. 3/7 (1995/1999) 61-70.

PAIS, Alexandre; CARVALHO, Rosário Salema de; ALMEIDA, Ana; AGUIAR, Inês; PIRES, Isabel; MARINHO, Lúcia & NÓBREGA, Patrícia – «Azulejos de padrão – uma proposta de catalogação». *INVENIRE – Revista de Bens Culturais da Igreja*. Secretariado Nacional dos Bens Culturais da Igreja. 3 (2011) 16-19.

SIMÕES, João Miguel dos Santos – *Azulejaria em Portugal no século XVIII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1979.